

Brasil retoma diálogo e deixa banco satisfeito

Ivaldo Cavalcante



Roberto Rodrigues, presidente da OCB, previne desastre agrícola

Nova Iorque — O Brasil reabriu o diálogo com os bancos credores interrompido desde fevereiro último, disse ontem em Nova Iorque o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, integrando uma delegação chefiada pelo ministro da Fazenda, Bresser Pereira. Bresser assinalou também que estava nos Estados Unidos para "retomar as relações com a comunidade bancária internacional.

Tanto Bresser como Milliet afirmaram formalmente que o Brasil quer acabar com a moratória declarada em fevereiro último e que os bancos devem aceitar negociar antes que se chegue a um acordo **stand-by** com o Fundo Monetário Internacional.

Ao término do encontro com representantes dos banqueiros, Milliet disse aos jornalistas que apresentou, o plano de controle econômico elaborado pelo Governo.

Satisfação

As reuniões estão sendo feitas na sede do Citicorp, proprietária do Citibank, cujo presidente William Rhodes chefia o comitê de bancos credores.

Os meios bancários expressaram "satisfação pela reabertura do diálogo". O vice-presidente da Chemical New York Corporation, Terence Canavan, também concordou que se trata apenas de "restabelecer o diálogo" e não negociar.

Enquanto Milliet conversava com banqueiros em Nova Iorque, Bresser Pereira fazia o mesmo em Washington com parlamentares e dirigentes do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). O ministro da Fazenda encontrou-se com o senador democrata por Nova Jersey, Bill Bradley, um dos maiores críticos do Plano Baker.

Os bancos privados voltarão a exigir que o Brasil chegue a um

acordo de crédito ou supervisão com o Fundo Monetário Internacional como condição para negociar empréstimos. E da mesma forma deverá proceder Washington, que vê favoravelmente o programa econômico brasileiro, disseram partes financeiras.

"Não pretendemos chegar a um acordo de crédito de emergência com o fundo antes de concluirmos um acordo com os bancos comerciais", afirmou Bresser Pereira. "São coisas separadas". Disse, no entanto, que estaria disposto de chegar a uma forma de entendimento com o FMI após a conclusão de um acordo com os bancos privados. O porta-voz do ministro, Francisco Baker, comentou ser possível "que se busque um tipo de entendimento flexível", no qual um acordo com o FMI não se vincule com o que for alcançado com os bancos.

Redução

O Brasil deseja também a redução das sobretaxas sobre sua dívida externa ao limite máximo de 0,8125 por cento sobre a taxa interbancária de Londres (Libor). Definindo a posição brasileira, Bresser Pereira disse em Washington que "se os bancos nos emprestam 100, pagaremos de 50 a 60".

O assessor do ministro da Fazenda, Francisco Baker, por sua vez, declarou que se "discute com os bancos a data de apresentação de uma proposta formal, dentro de 30 a 60 dias, mas provavelmente serão os bancos que fixarão a data".

Bresser Pereira reuniu-se à tarde com o presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Antonio Ortiz Mena, e no Congresso com os senadores democratas Bill Bradley e Christopher Dodd, separadamente, e

com membros da Subcomissão do Hemisfério Ocidental da Câmara, também para expor seu programa econômico.

No encontro com Ortiz Mena, Bresser Pereira abordou o grave problema do fluxo negativo de fundos que sofre o Brasil em suas relações com o Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Manifestou também a oposição de seu governo ao desejo dos Estados Unidos de obterem um poder virtual de veto no BID.

O Brasil devolverá em 1987 ao Banco Interamericano de Desenvolvimento 100 milhões de dólares a mais do que receberá em desembolsos de empréstimos aprovados.

Em 1988, o Brasil sofrerá outro fluxo negativo de 100 milhões de dólares, situação que agrava os problemas de seu financiamento externo.

As negociações sobre a reposição estão atrasadas em mais de um ano e serão retomadas em meados de outubro.

Por terem chegado a seu limite os empréstimos ao Brasil situação que pode repetir-se com outros países latino-americanos, as devoluções de créditos concedidos no passado excedem os novos desembolsos, criando um fluxo negativo que não pode ser revertido.

O Brasil, com apoio da Argentina, México e Venezuela, liderou os países latino-americanos em sua oposição às pretensões norte-americanas, que também, foram criticadas por membros extra-regionais do BID, principalmente a Alemanha Ocidental.

Bresser Pereira tem encontros marcados para hoje com o diretor do FMI, Michel Camdessus, o secretário do Tesouro dos EUA, James Baker, e o presidente do Banco Central, Paul Volcker.